

MÚSICA CAIPIRA E MÚSICA SERTANEJA: A INFLUÊNCIA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Adelcio Rodrigues Domingues **FILHO**¹

Me. Marco Antônio João **FERNANDES JUNIOR**

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo apresentar as diferenças entre a música caipira e a música sertaneja através da influência da indústria cultural. A problemática é saber qual é especificamente a diferença entre a música caipira e a música sertaneja. A música caipira consiste em duas vozes, viola e violão, envolve toda uma tradição caipira e religiosa, sua letra sempre rica em conteúdos artísticos, já a música sertaneja as letras são atuais, contam sobre relacionamentos e a vida noturna urbana das baladas, romances breves e festas da cidade. Através da pesquisa bibliográfica, a pesquisa em questão, oportuniza uma reflexão do quanto o estilo musical - caipira e sertanejo - foi moldado pela indústria cultural, a ponto de ser um dos estilos mais consumido no país.

PALAVRAS-CHAVE:

Música Caipira; Música Sertaneja; Indústria Cultural

1. Introdução

A música é uma das formas de expressão mais antiga da humanidade, sendo utilizada para diversas finalidades, como para festejar, para rezar, para dançar, para trabalhar, para adormecer crianças, para enterrar os mortos ou até mesmo para obter lucro econômico.

Nesta perspectiva, é possível observar que algumas manifestações musicais tradicionais sofreram mudanças e deram origem a novos estilos, como é o caso da música caipira e da música sertaneja. Fato este, elucidado na contemporaneidade pela disparidade da temáticas das letras, a instrumentalização, o vestuário, entre outros aspectos. Neste ponto, resguarda a problemática da pesquisa: qual é especificamente a diferença entre a música caipira e a música sertaneja?

Segundo Monteiro, Fernandes e Costa (1998) a indústria fonográfica

conta com uma série de fatores na produção de canção, do qual fazem parte produtores descobridores de "talento", gravadoras, projetos de marketing e todos os meios de informação, constituindo assim uma indústria de entretenimento cujo objetivo é vender um produto, no caso, a música. Com esse processo em

¹ Graduando em Artes da Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA – 18700-902- Avaré SP. Brasil. adelcio.rodriguesdomingues@hotmail.com

funcionamento, o sintoma que se percebe é a transformação e simplificação da música com o intuito dela ser recebida com mais facilidade pela massa. Com isso, a arte, a tradição, as raízes e a própria cultura ficam em segundo plano. (MONTEIRO; FERNANDES; COSTA, 1998, p.5)

A partir do exposto acredita-se que a indústria cultural foi responsável pela distinção entre a música caipira e a música sertaneja, cujo objetivo não é manter vivas as tradições culturais, mas sim obter lucro.

Sendo assim, o objetivo da pesquisa é apresentar as diferenças entre a música caipira e a música sertaneja através da influência da indústria cultural. Para atender ao objetivo de pesquisa a metodologia adotada foi a de pesquisa bibliográfica.

2. A Música Caipira

A Música Caipira nasceu em 1929 registrada pela primeira vez por Cornélio Pires um grande artista da época, é um estilo musical brasileiro, com letras cotidianas rurais, necessariamente tendo em seu repertório lendas, caças, pescarias, romances e adoração religiosa no começo geralmente cantado por várias vozes, porém todos conhecem com duas vozes, uma viola e um violão, porém, muitas vezes somente com uma viola fazendo escala duetada² e duas vozes, que é denominada a verdadeira “moda de viola”, a música caipira tem também a duração mais longa das músicas, geralmente não repetem estrofes, e sempre contam histórias com começo, meio e fim.

Segundo Antunes (2012, p. 22):

[...] em outubro de 1929, saiu uma segunda leva de discos trazendo a primeira moda de viola gravada no país: “Jorginho do Sertão”, interpretada pela dupla Mariano e Caçula, que cantou também “A moda do peão” e “Bigode raspado. (ANTUNES, 2012, p. 22)

Os artistas não tinham a preocupação com o mercado fonográfico, até mesmo porque a tecnologia da época, ainda chegava, muito recente, com as rádios, mas mesmo assim, houve poucas mudanças.

De acordo com Anderson Borba Ciola e Fabio Cecílio Alba (*apud* MONTEIRO, FERNANDES, COSTA, 1998, p. 21) em “Os rumos do vale da música caipira no Vale da Paraíba”.

² Conhecido como escalas duetadas nas violas caipiras, são padrões de execução característicos onde as notas se movem em intervalo harmônicos de terças maiores ou menores. É também a partir destes intervalos que os cantores de música caipira cantam. (PEDROSA, 2017, p.14).

Na década de 20, a 'moda de viola' chegou às rádios, graças a insistência do jornalista Cornélio Pires, que financiou gravações de duplas sertanejas. Antes da era do rádio, as músicas caipiras eram cantadas por várias vozes nas ruas, mas como era muito difícil levar um grande número de pessoas ao estúdio de gravação, a música caipira passou a ser cantada apenas por duas vozes, o que posteriormente se tornaria sua principal característica. (CIOLA; ALBA, 1997, n. p. *Apud* MONTEIRO; FERNANDES; COSTA, 1998, p. 21)

A partir do descrito, pode-se observar que a música caipira manteve sua origem raiz até mesmo com a chegada do rádio, de toda adaptação tecnológica, o estilo musical manteve a duração geralmente longa das músicas, manteve temáticas como lendas, caçadas, histórias com começo, meio e fim, aparentemente não teve nenhuma alteração brusca em sua origem.

A música caipira lançou duplas renomadas no meio artístico que até hoje no meio são reverenciados por suas obras, exemplos como Cacique e Pajé, Cascatinha e Inhana, Tonico e Tinoco, Zé Carreiro e Carreirinho, Liu e Leu, Zilo e Zalo, José Furtuna e Pitangueira, Alvarenga e Ranchinho, Tibagi e Miltinho, Tião Carreiro e Pardinho, Zico e Zeca, Vieira e Vieirinha, Jacó e Jacozinho, Lourenço e Lourival, Pedro Bento e Zé da Estrada entre outros ícones, fizeram da música caipira um documento histórico cultural brasileiro.

2.1 Indústria Cultural

A indústria cultural³ tem a total ação de popularizar o que basicamente seria "erudito", em algo bastante "massivo" e acessível as mídias, tem o total controle de mudança da ideia principal do artista, para ser um produto de consumo, não valorizando a arte como um todo, mas sim o retorno financeiro que essa "arte industrial" pode contribuir para as gravadoras. A indústria cultural é tão forte que a todo e qualquer momento ela está programada em nossas vidas, seja na casa no trabalho no trânsito na TV, em propagandas em redes sociais, principalmente nas rádios FM, qualquer que seja o meio midiático, a indústria cultural vai estar de alguma forma, mesmo que indireta, implantada.

A indústria cultural também trabalha conforme a sociedade vai se transformando, a população em geral atualmente por questões trabalhistas tem suas rotinas intensas, e a apropriação da indústria é simplificar a arte para que possa ser consumida rapidamente.

Segundo Coelho (1993, p. 6):

³ A indústria cultural pode ser definida como o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos. (COSTA *et al*, 2003, p.2)

Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa — inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor em moeda inferior às forças por ele gastas; alienado do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é remunerado a altura do que ele mesmo produz; alienado, enfim, em relação a tudo, alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permitir-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade. (COELHO, 1993, p. 6).

Conforme a citação de Coelho (1993), verifica-se o quanto a indústria cultural trabalha em função propriamente da venda imediata do produto, porém ela se instala tão intensamente que a sociedade praticamente consome todos os dias arte industrial e muitas vezes usada mesmo que inconsciente aos finais de semana como uma das válvulas de escape da sociedade contemporânea. As letras da música industrial muitas vezes relatam essa rotina de trabalho e final de semana, e isso é cotidiano, logo as pessoas se assemelham com os fatos e consomem rapidamente.

2.2 A Música Sertaneja

Diferente da música caipira, a música sertaneja tem uma ligação forte com a indústria cultural, as letras geralmente são curtas, repetem estrofes, e os instrumentos são mais sofisticados, o que antigamente era só basicamente viola, violão e duas vozes, hoje a música sertaneja contém a guitarra, e os melhores instrumentos que as gravadoras podem proporcionar para os artistas. Essa mudança foi bastante evidente a partir de 1980.

Segundo Dantas (2019),

A partir de 1980, houve no Brasil uma grande exploração comercial da música sertaneja, começando com Chitãozinho & Xororó e Leandro & Leonardo, passando posteriormente para uma grande quantidade de duplas, tendo seu auge entre os anos de 1988 e 1990. Após esse período, a música sertaneja começou a “esfriar” devido ao destaque dado na mídia à outros estilos musicais, como pop e funk, porém sempre continuou bastante presente na região centro-sul do Brasil. Por volta dos anos 2000, a música sertaneja conquistou novo destaque na mídia através do amplo espaço cedido à nova geração de duplas, como Bruno & Marrone, Edson & Hudson, etc. (DANTAS, 2019, *on-line*).

Não necessariamente os artistas tem a preocupação da ideia de conservar a tradição, as origens. Na contemporaneidade a música caipira está quase extinta pelos artistas da música sertaneja, existem poucos resgates dessa tradição, até mesmo porque não seria interessante para as gravadoras nem para a população massiva que já está acostumada com o sertanejo e não a música caipira, até mesmo pela duração das músicas caipiras, são mais longas, mais difíceis de gravar as letras, geralmente não usam nem refrão, o que para a população seria

algo quase que inaceitável. Segundo Monteiro, Fernandes e Costa (1998) para indústria fonográfica.

o indivíduo perde seu papel de contribuinte da cultura e deixa essa função àqueles produtores que colocarão a disposição de todos uma canção bem fácil de assimilar, padronizada, feita para atender necessidades e gostos médios, feita para que pensem que têm novamente o contato com a arte, com a subjetividade e não se importem com mais um dia de trabalho, porque não dispõem de tempo livre para aprofundamento em outros setores e aceitem passivamente o que é empurrado pelos meios de comunicação de massa. (MONTEIRO; FERNANDES; COSTA, 1998, p.40)

Pode-se observar que atualmente vive-se em uma época em que a mensagem artística musical não muito apurada e reflexiva, porém não é somente culpa do artista, muitas vezes o artista tem sua ideia original e quer de alguma forma contribuir com a sociedade com algum resgate da música caipira, algum protesto, fazer nas letras algumas analogias, mas geralmente são evitados esses artistas, porque muitas vezes não seja rentável, na maioria das vezes não é, a população já tem encarado como “música antiga, fora de época”, já tem a consciência do novo sertanejo, e não seria legal para as gravadoras apostarem em produtos que não sejam consumidos rapidamente.

2.3 Subgêneros da Música Sertaneja

A música sertaneja adquiriu influências de outros estilos musicais em sua originalidade, hoje o sertanejo tem uma variedade de estilos que ele agregou em sua musicalidade, vê-se bastante ação de uma batida pop-rock, funk, reggae, rock, axé, rap, etc. Tem características de outros estilos, e a característica maior da raiz do estilo sertanejo dificilmente se encontra, uma “moda de viola universitária”. As influências somaram para agregar mais ainda o gosto popular atual, “agradando todos os ritmos”, visando que a indústria cultural sobretudo intervém em valores financeiros em sua produção, fazer o hibridismo de ritmos musicais é uma grande jogada “artística” quase que infalível para o gosto popular, coisa que é genial, juntar estilos e agregar valores artísticos, Cesar Menotti e Fabiano foram um dos precursores desse novo estilo.

Segundo Bastos (2009):

A música sertaneja continua sua história e aparecem novas variações do estilo. A presença de Cesar Menotti e Fabiano no terceiro lugar dos mais vendidos de 2007, no ranking da ABPD (2008), chama a atenção para a nova geração de duplas sertanejas que compõem o sertanejo universitário nome dado a mais recente forma de adaptação do gênero (Abril.com,2008). O sertanejo universitário tem origem por volta de 2004, por ser o ano de lançamento do primeiro CD de Cesar Menotti e Fabiano (www.cesarmenottiefabiano.com.br), considerados os precursores do

gênero (ABRIL.COM). Este novo estilo mistura elementos do rock e do axé, dando uma batida mais acelerada ao sertanejo. Ganhou este nome devido ao público que o ajudou a se popularizar (ABRIL.COM). (BASTOS, 2009, p. 37)

Atualmente o Sertanejo faz parcerias com outros estilos, gravam sons denominados “funknejo, axénejo, forrónejo, eletronejo” entre outros, são estilos híbridos das ramificações que a música sertaneja construiu com o tempo, conforme a sociedade foi se transformando e principalmente por conta da indústria cultural, que com certeza teve a ideia de juntar os estilos, denominar um só, e ter um grande retorno financeiro.

2.4 A Influência da Indústria Cultural na Música Sertaneja

Tendo em vista que a indústria cultural tem bastante poder na música sertaneja, observa-se alguns pontos, comparando uma música caipira que foi produzida em uma gravadora, uma música sertaneja atual, produzida também em gravadora, porém com a influência nítida da indústria cultural brasileira.

Para exemplificar a música caipira optou-se pela música “Baiano do Coco” de Tião Carreiro e Pardinho (1996).

Baiano No Coco
 Quando eu vim lá da Bahia
 Rumo a São Paulo eu meti os peito
 Baiano veio de pau-de-arara
 Ser pobre não é defeito
 Eu vim pra ganhar dinheiro
 Serviço eu não enjeito
 Só que eu tô com uma vontade
 De comer coco que não tem jeito
 (CARREIRO; PARDINHO, 1996, *on-line*)

Baiano No Coco, trata-se de uma música caipira, que segue a origem e a tradição da Viola, Violão, chocalho e duas vozes, tem um conteúdo rico, conta-se de um Baiano que chegou em São Paulo a procura de trabalho como muitos brasileiros fazem até hoje devido as situações de desemprego em nosso país, migram de seus estados para São Paulo a procura de oportunidade de emprego, na letra pode-se ver que consiste em bastante conteúdo sociológico e artístico, porém, é uma música originalmente com o “padrão raiz”, mas foi gravada recente, em 1996, foi produzida em gravadora, e a influência, mesmo que mínima já se encontra no tempo de duração de 02:57 min, resultado de uma mudança pela indústria.

Para exemplificar a música sertaneja optou-se pela música “Lê, Lê, Lê” de João Neto e Frederico (2012).

Lê, Lê, Lê

O meu cartão
Foi bloqueado
E o meu limite
Tá estourado
Sou simples
Mas eu te garanto
Eu sei fazer um Lê Lê Lê
(NETO; FREDERICO, 2012, *on-line*)

Lê, Lê, Lê é uma música que já segue o padrão da indústria cultural em vários quesitos, os instrumentos, o refrão repetido, a duração das músicas. O conteúdo sobre as baladas e a vida urbana noturna fazem das letras seu ponto mais característico, hoje os artistas do meio sertanejo descrevem o que acontecem na vida dos jovens.

Segundo Bastos (2009):

Adaptando-se ao público consumidor, o sertanejo universitário se apresenta com músicas que ilustram o jovem atual, que procura diversão e relacionamentos breves nas recém criadas micaretas sertanejas. A música “Chora, me liga”, composição de Euler Coelho, estourou nas paradas de sucesso em 2009, na voz de João Bosco e Vinicius, e diz com palavras exatas o comportamento destes jovens. (BASTOS, 2009, p. 39)

Assim, enquanto a música caipira descrevia o cotidiano rural, algo mais interiorana das lendas, religiosidade, pescas, a música sertaneja também descreve, entretanto, a raiz tradicional do verdadeiro sentido sertanejo, do homem do campo do caicara, do caipira perdeu-se conforme a influência da indústria cultural foi se instalando e a sociedade se moldando, tornando-se assim nesse novo estilo denominado “música sertaneja ou sertanejo universitário”, pode-se observar uma notável diferença entre os dois estilos que na realidade seria um só, contudo, tornou-se um estilo próprio, híbrido, do que seria a continuação da música caipira na atualidade, mesmo com a influência da indústria cultural, o que hoje consome-se como arte, é uma grande transformação da raiz do estilo.

3. Considerações finais

A pesquisa realizada teve como objetivo apresenta as diferenças entre a música caipira e a música sertaneja através da influência da indústria cultural. A música sertaneja é atualmente, o estilo mais consumido pela massa e pelas mídias, justamente pela influência e força da indústria cultural que teve sucesso, sobretudo visando os lucros. Foi apresentado a origem e as características básicas da música caipira: viola, violão e duas vozes, e do conteúdo de suas letras detentora de muitos fatos históricos brasileiro.

Para evidenciar a influência da indústria cultural na música sertaneja, comparou-se brevemente uma música caipira e com uma sertaneja, pelo conteúdo das letras e pode-se perceber total diferença entre os instrumentos e durabilidade das canções. Os dois estilos também contam com uma semelhança bastante importante que é a questão de os dois estilos serem cotidianos, os dois relatam acontecimentos em épocas diferentes.

Finalmente cabe a cidadania refletir sobre a indústria cultural, seus conceitos e conteúdos musicais, investigar sobre a arte que se consome atualmente, a partir da reflexão, festivais musicais, saraus, e todo meio alternativo e independente de arte musical e geral deve ser valorizado respeitosamente, assim como afirma Bertoni (2001, p. 3) “Estes músicos, porém, com sua resistência, podem desenvolver um trabalho de qualidade, estimulando a inteligência, a imaginação e a criatividade das pessoas”.

4. Referências

- ANTUNES, Edvan. **De Caipira a Universitário: A História do Sucesso da Música Sertaneja**, São Paulo: Ed Matrix Editora, 2012
- BASTOS, Gustavo de Moura, **Jovem Música Sertaneja: A construção de marca dos artistas sertanejos contemporâneos**, Universidade de Brasília, 2009.
- BERTONI, Luci. **Arte, Indústria Cultural e Educação**, São Paulo: Ed Cadernos Cedes, 2001.
- CARREIRO, Tião. PARDINHO. **Baiano no Coco**. Disponível em: <https://bit.ly/2YQHhcS>. Acesso em 25 mai 2019.
- CIOLA, Anderson Borba; ALBA, Fabio Cacílio. **Os rumos da Música Caipira no Vale do Paraíba**. Taubaté, 1997. Grande Reportagem. Universidade de Taubaté.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COSTA, Alda Cristina Silva da et al. **Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer**, 13. ed. Belém: Movendo Ideias, 2003.
- DANTAS, Tiago. **“Sertanejo”, Brasil Escola**. Disponível em: <https://bitty.ch/kbtd8> 17 de Junho de 2019. Acesso em

MONTEIRO, Ana Cecília Del Mônico. FERNANDES, Carlos Eduardo. COSTA, Marcelo Silva. **Do Caipira ao Sertanejo: cultura, música e indústria cultural**. 1998. 81f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Taubaté, Taubaté, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/30uAhUL>. Acesso em 18 mai 2019.

NETO, João, FREDERICO. **Lê, Lê, Lê**. Disponível em: <https://bit.ly/30LS9KW>. Acesso em 25 mai 2019.

PEDROSA, Frederico Gonçalves. **O processo de Ensino/Aprendizagem da Viola Caiçara na Ilha de Valadares: Possibilidades e Limites de Sua Didatização**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.